

Programação:

24/09, terça-feira

09h: Abertura

César Guimarães (UFMG)

10h10 às 10h30: intervalo

10h30 às 13h: Mesa 1 - Epistemologias do sensível: sustentar o comum

A experiência sensível do mundo participa de nossa forma de sentir, pensar e definir a realidade. Fazer ciência nasce dessa percepção e nomeação do que vemos e experimentamos. Essa experiência sensível constitui e é constituída por processos comunicacionais, forjando espaços e experiências comuns, o que sugere um campo político. Como pensar essa dimensão, tanto comunicacional, quanto política, da experiência estética, diante de processos que desafiam contemporaneamente a constituição de um comum (mesmo que provisório, parcial e nunca unívoco). Em um cenário de reafirmação de posições negacionistas e de ascensão do fascismo, sustentar a experiência estética – sensível, comunicacional e política – nos parece uma postura tanto mais difícil quanto necessária. Como ainda validar, no contemporâneo, a experiência estética como operador cognitivo relevante para conceber nossa experiência de mundo?

José Luiz Braga (UFG)

Ângela Marques (UFMG)

Jorge Cardoso (UFRB/UFBA)

Mediação: Irene Machado (USP)

14h30 às 17h: Mesa 2 - Materialidades, corpo e experiência

As diferentes maneiras de ligar materialidades técnicas aos corpos e, por meio delas, de produzir experiência, confere uma dimensão pragmática aos estudos da Estética. No desejo de compreender a centralidade das materialidades como objetos da expressão e produção de experiências estéticas, como desfazer certa vocação universalizante dos conceitos e estudos da Estética, diante de cosmologias e pragmáticas muito diversas, que propõem formas distintas de conceber a relação entre corpo, tecnologia e experiência? Como pensar o encontro entre essas distintas tradições, em pragmáticas parciais, em criações comunicacionais e estéticas locais?

Fernanda Bruno (UFRJ)

Ajítênà Marco Scarassatti (UFMG)

Els Lagrou (UFRJ)

Mediação: Laan Mendes (Unesp)

25/09, quarta-feira

09h às 11h30: Mesa 3 - Experiência estética e fabulação

Se o real é uma invenção sempre em disputa pelas narrativas, a faculdade da imaginação é nossa condição antropológica para a vida coletiva. Criamos e justificamos mundos para nos definir como também para excluir os que não fazem parte deles. A fabulação é a principal condição de tessitura das narrativas que dimensionam os mundos que podemos criar. Nesse sentido, encontramos no exercício do fabular e do imaginar o motor das nossas experiências de criação de realidades partilhadas. A ideia de fabulação, que vem sendo recorrentemente acionada nos estudos da Estética, da Performance e do Audiovisual, nos convida a pensar projetos estéticos que reivindicam radicalmente a ficção, a produção de políticas da escrita, as relações entre arquivo e apagamento. Como pensar formas possíveis de intervenção no comum pelas vias da invenção estética e da imaginação política?

Kênia Freitas (UFS)

Fernando Resende (UFF)

Denilson Lopes (UFRJ)

Mediação: Ricardo Lessa (UFRGS)